

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA (ILEEL)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA
CAMPUS SANTA MÔNICA

IARA JANSER SOARES DELGADO

A PRESENÇA DO CORDEL NA LITERATURA INFANTIL:
UMA ANÁLISE DE *ELA TEM OLHOS DE CÉU* DE SOCORRO ACIOLI

UBERLÂNDIA – MG
2024

IARA JANSER SOARES DELGADO

A PRESENÇA DO CORDEL NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE *ELA TEM OLHOS DE CÉU* DE SOCORRO ACIOLI

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para aprovação na disciplina TCC II.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Pedro Afonso Barth

UBERLÂNDIA – MG
2024

Ficha catalográfica | Bibliotecas (ufu.br)

IARA JANSER SOARES DELGADO

A PRESENÇA DO CORDEL NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE *ELA TEM OLHOS DE CÉU* DE SOCORRO ACIOLI

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para aprovação na disciplina TCC II.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Afonso Barth

Data da defesa: 14/11/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Pedro Afonso Barth
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Membro Titular: Dra. Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Membro Titular: Me. Érika de Freitas Arvelos
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Local: Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) /
Campus Santa Mônica

Dedico com honra, amor e gratidão a Deus, por sua graça e força que me sustentaram ao longo desta jornada. Aos meus pais e irmã, pelo amor incondicional e apoio em todos os momentos da minha vida. E ao meu esposo e filhos, pela paciência, incentivo e companheirismo, fundamentais para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sustentar minha vida e permitir a realização dos meus sonhos. Ao meu esposo, Igor Amaral, por nunca desanimar em nenhum momento e por não permitir que meu desânimo me vencesse, além de me ouvir inúmeras vezes lendo cada parte deste trabalho. Aos meus filhos, Ícaro e Rafael, por permitirem que minhas falhas e ausências não afetassem nossa dinâmica familiar. Saibam que vocês são o combustível que me motiva a ser melhor a cada dia. Agradeço, também, aos meus pais, José Mario e Eliene Janser, e à minha irmã, Rayça, que sempre me fortalecem e demonstram o orgulho que sentem de mim. Por fim, agradeço ao meu orientador, Pedro Afonso Barth, por acreditar que esta conquista era possível para mim. A cada um de vocês, meu eterno e sincero agradecimento.

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde
(MAUROIS, 1922)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a obra *Ela Tem Olhos de Céu*, da autora Socorro Acioli (2012), possibilitando um diálogo entre a literatura infantil e juvenil (Lajolo e Zilberman, 2017; Hunt, 2010; Andruetto, 2012) e o cordel (Diégues Júnior, 1975; Haurélio, 2013; Silva, 2011). A análise mobiliza os seguintes conceitos: a construção de identidade (Hall, 2011; Bauman, 2004) e a intertextualidade (Kristeva, 2005; Samoyault, 2008), pois é construída a hipótese de que a obra analisada atualiza a tradição da cultura popular, e dialoga e revitaliza identidades culturais e a representação do povo nordestino. O livro ocupa um lugar de resistência e adaptação e cria uma nova forma de representar o cordel. Como resultados, a análise apresenta a forma como a construção de identidade é mobilizada na obra, valorizando e revitalizando a identidade nordestina. Além disso, as diversas intertextualidades identificadas criam novas significações que questionam estereótipos. O cordel, que já foi marginalizado como uma literatura popular de menor valor, hoje ganha novas roupagens, incorporando elementos modernos que dialogam com suas raízes tradicionais. Esse processo de adaptação e reinvenção permite que o cordel não apenas resista ao tempo, mas também se renove, ocupando um espaço significativo no cenário literário contemporâneo endereçado para crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Socorro Acioli. Ela tem olhos de céu. Literatura Infantil. Cordel. Identidade.

ABSTRACT

El principal objetivo de este trabajo es analizar la obra *Ela Tem Olhos de Céu*, de la autoría de Socorro Acioli (2012), posibilitando un diálogo entre la literatura infantil (Lajolo y Zilberman, 2017; Hunt, 2010; Andruetto, 2012) y el cordel. (Diégues Júnior, 1975; Haurélio, 2013; Silva, 2011). El análisis moviliza los siguientes conceptos: construcción de identidad (Hall, 2011; Bauman, 2004) e intertextualidad (Kristeva, 2005; Samoyault, 2008), ya que se construye bajo la hipótesis de que la obra analizada actualiza la tradición de la cultura popular, dialoga y revitaliza las identidades culturales y la representación de los pueblos del noreste de Brasil. El libro ocupa un lugar de resistencia y adaptación y crea una nueva forma de representar el cordel. Como resultado, el análisis presenta cómo la construcción identitaria se moviliza en el trabajo, valorando y revitalizando la identidad nororiental. Además, a medida que se identifican diversas intertextualidades se crean nuevos significados que cuestionan los estereotipos. La literatura de cordel, que ya no está marginada como literatura popular de menor valor, asume ahora nuevas formas, incorporando elementos modernos que dialogan con sus raíces tradicionales. Este proceso de adaptación y reinención permite que el cordel no sólo sobreviva en el tiempo, sino que también se renueve, ocupando un espacio significativo en el panorama literario contemporáneo dirigido a los niños.

PALAVRAS-CLAVE: Socorro Acioli. Ela tem Olhos de Céu. Literatura infantil. Cordel. Identidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 RELAÇÕES ENTRE CORDEL E LITERATURA	16
1.1. O CORDEL	18
1.2 A LITERATURA INFANTIL	22
2 IDENTIDADE E INTERTEXTUALIDADE	26
2.1 CONCEITOS DE IDENTIDADE(S)	26
2.2 INTERTEXTUALIDADE	30
3 ANÁLISE	34
3.1 CARACTERÍSTICA DO CORDEL EM <i>ELA TEM OLHOS DE CÉU</i>	35
3.2 ELEMENTOS DE ENDEREÇAMENTO PARA CRIANÇAS	40
3.3 IDENTIDADE(S) EM <i>ELA TEM OS OLHOS DE CÉU</i>	44
3.4 A INTERTEXTUALIDADE EM <i>ELA TEM OS OLHOS DE CÉU</i>	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 - Uma viagem ao céu	21
Figura 2 - A mulher roubada	22
Figura 3 - Capa livro Ela tem olhos de Céu	39
Figura 4 - Título da obra	43
Figura 5 - Início da história	44
Figura 6 - O pai e a chuva	46
Figura 7 - Irmãos	47
Figura 8 - A notícia	52
Figura 9 - Sofrimento de Bastiana	54



INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre a importância da literatura para o mundo e o quanto esta contribui para a humanidade. Quando voltamos para a história e a evolução do homem, percebemos em diversos aspectos essa ligação com a arte e a literatura. Por tempos, a arte oral foi a que dominou e predominou em diversos setores; assim, é chamada de literatura oral. Câmara Cascudo (2012) esclarece que Paul Sébillot criou esse conceito em 1881 e depois o definiu. Adiante, em sua obra, Câmara Cascudo ainda apresenta a seguinte afirmativa:

Essa literatura que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo. Duas fontes continuam a manter viva a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios anedotas, adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é a reimpressão dos antigos livrinhos vindos da Espanha e de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos... (Câmara Cascudo, 2012, p. 13).

Sendo, então, possível verificar que as tradições literárias estão ligadas, em primeiro momento, à literatura oral, e logo em seguida ganham uma produção escrita. Essa produção Cascudo (2012) chama de "livrinho", e ele afirma que recebe influências de Portugal e da Espanha, citando algumas obras. Com isso, identifica-se uma literatura que surge a partir da literatura oral e popular, com traços folclóricos, pois uma das características do folclore é não definir quando e como sua autoria se confirma e se inicia. Revela-se que, em relação à literatura de cordel,

[...] era desconhecido o verbete “cordel” no tempo de Leandro Gomes de Barros, o primeiro autor a produzir e publicar folhetos e romances em escala comercial. Oriundo de Portugal, o verbete “cordel” começou a marcar os primeiros e vacilantes passos a partir da publicação do dicionário de Aulete 1881. No Brasil nossa literatura de cordel tinha nomes de “literatura popular” ou “poesia popular”, até porque nunca nos ocorreu chamar

“cordão” de “cordel”. Quando não havia ainda a literatura de cordel escrita, os versos brotavam espontâneos de boca em boca em forma de louvação ou duelo verbal (Silva, 2011, p.16).

É possível perceber que o cordel pode ser nomeado de diferentes formas; assim, sua existência fica marcada na literatura brasileira como poesia popular ou literatura popular, conectando essa literatura popular à literatura oral, que faz parte dessa oralidade. Sendo assim, faz-se necessário entender o valor dessa literatura e por quais razões ocupa interesse para ser objeto de análise e estudo.

O cordel é uma forma de exaltação do povo nordestino, oriunda de uma região que segue na luta por reconhecimento e espaço. É por meio da cultura e de sua manutenção que a identidade de um povo se mantém. A literatura de cordel faz parte da cultura nacional; é reconhecida pelo IPHAN¹ (2018) como um patrimônio cultural brasileiro, um gênero que mistura as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira. No entanto, ainda segue sendo resistência e fonte de identidade do povo nordestino. Por se tratar de um patrimônio histórico e de valorização cultural de um povo, existe a necessidade de compreender como o cordel se mantém na atualidade, como se reestruturou e se refez nessa era globalizada.

A estrutura do cordel influencia muitas obras da literatura contemporânea, inclusive as endereçadas para crianças e jovens. Um exemplo é a obra *Ela tem olhos de céu*, de Socorro Acioli (2012), vencedora do Prêmio Jabuti em 2013, que apresenta características do cordel. Este trabalho analisará a obra, possibilitando um diálogo entre a literatura infantil e juvenil (Lajolo e Zilberman, 2017; Hunt, 2010; Andruetto, 2012) e o cordel (Diégues Júnior, 1975; Haurélio, 2013; Silva, 2011).

A análise mobilizará os seguintes conceitos: a construção de identidade (Hall, 2011; Bauman, 2004) e a intertextualidade (Kristeva, 2005; Samoyault, 2008). Tendo em vista que a literatura é uma fonte de saber, resistência e conhecimento, utilizaremos a mesma para exaltar o cordel, sua resiliência e a manutenção de sua existência, bem como sua adaptação na contemporaneidade, já que, em *Ela tem olhos de céu*, ganha um lugar de destaque. Na perspectiva da nossa pesquisa, é necessário também entender que a literatura infantil vai muito além de textos simplificados, fábulas com fundo moral e o mero acompanhamento de ilustrações.

¹ IPHAN é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mais informações em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso: 23 out. 2024.

É necessário, no entanto, perceber que uma visão possivelmente distorcida sobre a literatura infantil é forjada desde a sua gênese. Esta surge no século XVIII, época em que muitas mudanças sociais estavam em pleno andamento. Esse fato permite uma reflexão sobre como se apresentava a literatura infantil no auge de sua construção basilar, em comparação com a literatura a que temos acesso hoje nesta era contemporânea. Em sua fase inicial, a literatura infantil ganha contornos próprios para atender a uma classe social que estava em ascensão e que necessitava de um olhar mais particular para um público que até então era visto como miniadultos:

Nesse cenário, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, participavam de todos os rituais da vida adulta; eram abandonadas e sofriam toda sorte de maus tratos, resultando em altos índices de óbitos. Os privilégios eram concedidos apenas aos primogênitos, responsáveis pela continuidade do sistema de linhagens (Martha, 2016, p.15).

É necessário entender que o olhar sobre a literatura infantil não era o que hoje se concebe. Muito pelo contrário, assumiu por tempos um valor educacional e de utilidade. Necessariamente, precisava ter uma utilidade ou uma função definida por uma classe dominante, que determinava o que era ou não literatura, sem nem mesmo definir se tinha ou não valores literários e endereçamentos aceitáveis para qualificá-la como uma literatura de qualidade.

Com isso, a literatura infantil de qualidade entra em discussão, o que possibilita que possamos utilizá-la hoje como corpus dessa pesquisa, assim como também reconhecer a sua importância como uma literatura de qualidade e sem adjetivos, uma literatura que não se limita a fronteiras que lhe eram atribuídas. Afinal, uma literatura infantil de qualidade é aquela que é literatura antes de tudo, pois é por meio dela que podemos ampliar e extrapolar o universo infantil e assim colaborar com a construção desse imaginário, transformando e reescrevendo a identidade de uma sociedade (Andruetto, 2012).

Diante do exposto é necessário, portanto, definir que temos como objetivo geral analisar a obra *Ela tem olhos de céu*, de Socorro Acioli. Discutiremos e apontaremos como essa obra é endereçada para crianças, e como dialoga e reconstrói os elementos da literatura de cordel. Sendo assim, apoiaremos nossos objetivos específicos em apresentar a relevância da literatura de cordel para a formação cultural; apontar como as identidades são construídas na obra *Ela tem olhos de céu*; descrever a presença de diferentes intertextualidades na obra de Socorro Acioli; e compreender a dimensão da obra em análise e sua representação para a literatura. Foi escolhido como corpus de estudo o livro *Ela tem olhos de céu*, de Socorro Acioli (2012), uma obra infantil ganhadora de prêmios e consagrada. Isto permite agregar,

neste trabalho, o cordel como forma de resistência literária e de construção de identidade, que com frequência foi marginalizado e inferiorizado, recebendo o título de literatura menor.

A importância de pesquisar a literatura de cordel está atrelada à necessidade de resistir e de valorizar uma literatura que utiliza a oralidade e a escrita em sua construção, mas também a entender como ela segue resistindo ao tempo e se adaptando dentro de uma realidade não satisfatória para sua existência e manutenção. Com isso, a pesquisa é relevante, pois elucida as características do cordel, sua musicalidade, além da valorização cultural de uma região. Portanto, abordar a literatura infantil de qualidade e sem adjetivos e a literatura de cordel como uma literatura de resistência e patrimônio histórico e cultural do Brasil é de uma relevância enorme, pois atende aos requisitos dos currículos escolares e suas competências, em que a diversidade precisa ser estudada e trabalhada no contexto escolar. Além disso, garante que ambas as literaturas citadas nessa discussão permaneçam como uma marca de perseverança e de afirmação da identidade.

Dessa forma, é necessário justificar que a escolha da literatura de cordel para esta monografia é particular pelo fato de a pesquisadora ser nordestina, baiana, e sua formação como leitora se fez com livretos de cordel na sua iniciação literária. A necessidade de valorização e exaltação dessa cultura é a justificativa mais forte que a leva a caminhar por essa jornada, decorrente da necessidade de continuar a propagar a importância de ser resistência e valorizar essa literatura e, sobretudo, manter viva a conexão com sua identidade cultural.

Sendo assim, a obra de Acioli se enquadra na nossa necessidade, pois exalta a cultura nordestina, o cordel, a literatura infantil de qualidade, e permite a discussão sobre sua evolução. Por certo, neste objeto analisado, o cordel é encontrado em um formato diferente do costumeiro livreto, com ilustrações de xilogravuras; a obra tem uma ilustração que dialoga e amplia o sentido do próprio cordel. Desse modo, estabelece nosso objeto de análise numa perspectiva contemporânea, de resistência e de exaltação de uma literatura de qualidade e sem adjetivos.

A pesquisa empreendida é classificada em relação aos seus objetivos como descritiva (Prodanov e Freitas, 2014), pois a análise da obra exigirá a descrição dos elementos constitutivos da obra e a sua relação com a literatura de cordel. Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa será bibliográfica com abordagem qualitativa. A análise será centrada nas seguintes categorias: características do cordel, elementos de adequação para crianças, construção de identidades e intertextualidade.

A monografia está organizada da seguinte maneira: o primeiro capítulo trata acerca das relações entre cordel e literatura. Por sua vez, o Capítulo 2, a partir das contribuições de diversos autores, explora os termos identidade e intertextualidade; por fim, o capítulo 3 apresenta a análise da obra *Ela tem olhos de céu*.

1 RELAÇÕES ENTRE CORDEL E LITERATURA

Em sua origem, a literatura de cordel estava diretamente ligada às narrativas antigas que o povo foi remodelando, conservando e transmitindo. Portanto, o cordel ganha vida na sua transmissão, que se dá na oralidade — fato este que, por vezes, foi limitado a um pequeno local com seus costumes, seus causos, seus provérbios e suas cantigas de roda. Muito dessa grande construção cultural se perdeu na memória desse povo, por certo, a escrita não tinha chegado. Além disso, é possível conectar e estabelecer ligações com as histórias que denominamos como folclore. Para Câmara Cascudo (2012, p.14), o folclore é coletivo, está na construção social de determinado povo ou de determinada região.

Ademais, Câmara Cascudo estabelece que a literatura folclórica é totalmente popular, mas nem toda produção popular é folclórica. Assim, é necessário entender o folclore e a literatura oral, pois caminham, num primeiro momento, conectados para estabelecer suas características; afinal, a oralidade é uma característica folclórica. Câmara Cascudo afirma ainda: “a literatura oral é mantida e movimentada pela tradição, é uma força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração a geração” (Câmara Cascudo, 2012, p.185).

Para Lucena (2011), a classificação do cordel como folclore é baseada na ideia de que ele seria uma obra sem autor, que aborda o conhecimento do “povo”, entendido como “um ser coletivo e sem existência concreta; por fazer parte de uma tradição e por ser fruto de uma espontaneidade ingênua”. Assim, a classificação do cordel como folclore reflete a visão de que ele é uma expressão anônima e coletiva, enraizada na tradição e na espontaneidade popular.

Fato este que permite entender como o cordel atravessou gerações. Uma literatura é oral, e a outra é do livro; essas duas literaturas agora são declaradas diferentes, mas podem se

reconectar e encontrar uma forma de coexistirem em uma simbiose de transmissão cultural. Portanto, entende-se a influência de outras culturas em um único texto, ou mesmo em uma única obra. Quintela (2005) aponta que o cordel, apesar de ser fundamentado na oralidade, “não deixa de refletir e mesmo de legitimar, de diversas maneiras, a preponderância política do discurso letrado”. Pode-se concluir, portanto, que o cordel se configura como uma forma de expressão que, ao mesmo tempo, preserva a tradição popular e dialoga com as estruturas de poder estabelecidas, demonstrando a adaptabilidade das manifestações culturais.

O cordel é, antes de tudo, uma parte das poéticas das vozes criadas de transmitidas por meio de uma multiplicidade de gêneros: cantoria, embolada, repente, coco, aboio, entre outras manifestações. Quando se fala em cordel, refere-se em especial à poesia popular impressa, e os folhetos são, tradicionalmente, os suportes que estabelecem a materialidade dessa poesia (Lucena, 2011, p.10).

Isso proporciona, então, o entendimento de como se deu a implementação do cordel: uma literatura inicialmente oral que, contudo, depois ganha uma classificação própria como literatura de cordel, pois, para alguns, era literatura popular:

Há uma literatura popular impressa, literatura de cordel, que os franceses denominam de colportage, que Charles Nizard estudou na França e que Teófilo Braga esboçou em Portugal. Ninguém decidiu sobre a velocidade inicial desses livrinhos. Saíram do povo ou foram incluídos, pela leitura, na oralidade anônima? (Câmara Cascudo, 2012, p.187).

Por pressuposto, é possível perceber quando justamente se estabelece nosso ponto de conexão, pois o cordel inicialmente é uma produção oral, cantada, e sua origem se perde nas diversas possibilidades de localizar sua autoria basilar. Como bem esclarecido anteriormente, o cordel está relacionado a cantigas antigas, anedotas, e sofre influências, adquirindo características populares. Também é possível relacionar com autos: “Os autos vicentinos são almas populares das redondilhas, representadas aos reis e rainhas nas vésperas de natal, esperando a Missa da meia-noite ou desfrutando o serão palaciano. A matéria é folclórica como a mentalidade é massa coletiva [...]” (Câmara Cascudo, 2012, p.187).

A experiência nos mostra que a cultura, em qualquer estrato, se efetiva em um terreno mutável no qual as relações de domínio e subordinação se articulam. Em seu centro estão as relações de forças variáveis e irregulares que caracterizam a luta cultural, no decorrer da qual os valores se alteram, o moderno envelhece e o tradicional se atualiza. Em meio a essa dinâmica cultural, os elementos da tradição se

reorganizam para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância a partir da negociação contínua de sua inscrição na atualidade. (Quintela, 2005, p.196).

Com o exposto, é possível entender que a literatura e o cordel se unem à cultura popular para formar a literatura de cordel, onde essas três vertentes se encontram em uma só. Nessa produção, identificam-se características das histórias populares, críticas de cunho social, denúncias, musicalidade, cantos e cantigas, além da presença de mitos, folclore e diversas construções do imaginário popular. Isso torna essa literatura uma obra-prima de traços identitários e intertextuais. Portanto, em sua construção, é possível reconhecer traços da literatura oral, cultural, popular, entre outros.

1.1. O CORDEL

O cordel é uma importante manifestação da cultura popular brasileira, fundamental para a perpetuação das culturas orais. Entretanto, ainda paira uma forte marginalização, sendo necessário combater essa discriminação. Para tanto, é fundamental pesquisar, divulgar, refletir sobre a permanência e importância do cordel para a literatura (Haurélio, 2013). Nesse sentido, é comum perguntarem o que é cordel, ou mesmo tentar diferenciar o cordel de uma poesia. Ambas são formas artísticas e utilizam a linguagem como forma de expressão. Porém, segundo Diégues Júnior:

O nome de literatura de cordel vem de Portugal e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos. Com este nome já os assinala Teófilo Braga em Portugal do século XVII, se não mesmo antes. Pode-se dizer também que este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam estes romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens (Diégues Júnior, 1975, p.3).

Assim, o cordel é uma manifestação de literatura popular, com características orais essenciais, estando de fato atrelado ao folclore e à cultura do país. Contudo, a literatura de cordel também está relacionada às histórias tradicionais do imaginário medieval português,

como as cantigas de amigo e de amor, além de narrativas de guerra, aventura, viagens e descobertas (Diégues Júnior, 1975). Nesse sentido, o cordel tanto retoma e reconta antigos contos e mitos, quanto se atualiza, incorporando acontecimentos recentes e inserindo críticas de cunho social.

A literatura de cordel tem a região nordeste como seu berço (Haurélio, 2013), mas retoma a tradição folclórica popular de origem europeia, especificamente portuguesa. Entretanto, Diégues Júnior (1975) aponta que associar a origem do cordel exclusivamente a Portugal não é consenso, pois há outros trânsitos culturais e influências artísticas que também contribuíram para sua divulgação no Brasil.

A popularização do cordel ocorre em grande parte pela simpatia que desperta, com livretos sendo reimpressos, lidos e cantados. Partes de histórias reaparecem em diferentes obras, o que reforça a natureza popular e compartilhada do cordel. Dessa forma, fábulas, contos de amor e romanceiros se propagaram e resistiram até os dias atuais. Afinal, a maior parte da população tinha domínio da língua oral, mas não possuía educação formal para a escrita, o que explica o porquê de a literatura oral se estabelecer mais fortemente em determinadas regiões.

No Nordeste, por razões sociais e culturais, a literatura de cordel ganhou robustez e características que se mantêm até hoje, sendo considerada indispensável. Transformando as letras em verdadeiras joias, como afirma o ensaísta Gonçalo Ferreira da Silva (2011), alguns poetas defendem que o cordel se sustenta sobre um tripé: métrica, rima e oração (Haurélio, 2013). Para os cordelistas, a oração corresponde ao sentido do texto, sendo o núcleo da construção do significado da palavra, e é importante que ela contenha verossimilhança. A rima, por sua vez, é um recurso estilístico amplamente utilizado, responsável pela musicalidade, sonoridade e ritmo do cordel, proporcionando um final harmônico entre as palavras. Já a métrica se refere à regularidade no número de sílabas poéticas em cada verso ou estrofe. A estrofe básica do cordel é a sextilha.

Haurélio (2013) ainda acrescenta uma explicação importante sobre a estrutura e composição do cordel. Ele pode apresentar diferentes formas, como a sextilha e a quadra, além da parcela² (hoje em dia bem rara), sendo a sextilha a mais comum nas criações cordelísticas atuais.

² É o verso de quatro sílabas, sendo a forma mais curta da literatura de cordel. Nessa estrutura a palavra não pode ser longa por conta do sentido e dos limites da métrica. Hoje está em desuso (Haurélio, 2013).

Em sextilhas foram compostos clássicos como o Romance do pavão misterioso, O cachorro dos mortos, Vicente, o rei dos ladrões, entre tantos outros. Como por exemplo, tomemos de empréstimo este trecho de Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo, de minha autoria.

João Grilo foi menino (X)
De grande sagacidade, (A)
Aprimorou a esperteza (X)
Devido a necessidade- (A)
Enganava a todo mundo (X)
Com muita facilidade (A)

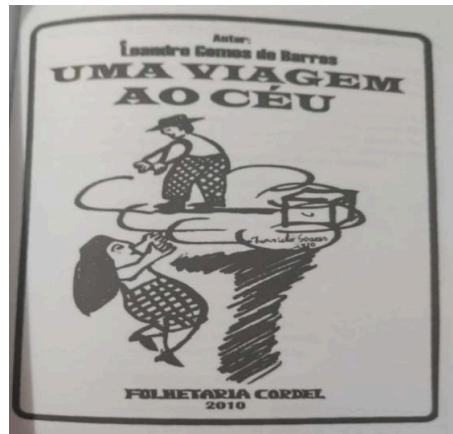
(Haurélio, 2013, p.111).

Na sequência, Haurélio explica os esquemas de rima XAXAXA, colocando-os como referência para a construção das sextilhas, em que as linhas marcadas com (X) não apresentam rimas e as com (A) possuem rima. Vale ainda ressaltar a existência de inúmeras formas e classificações de rimas dentro de um cordel. O autor informa que o verso no cordel é chamado de "pé", sendo preferencialmente composto de sete sílabas poéticas, ou seja, as redondilhas maiores. Quando essa métrica não é respeitada, diz-se que o cordel tem "pé quebrado".

É importante pontuar que essa é apenas uma das características do cordel, o que significa que ele pode ser uma sextilha, uma quadra, uma parcela, ter "pé quebrado" ou não. As possibilidades de criação nessa literatura são inúmeras, mas nenhuma é considerada superior ou inferior à outra. As gravuras, mais conhecidas como xilogravuras, são baseadas em uma técnica que utiliza madeira para reproduzir imagens, as quais são transferidas para o papel, de forma semelhante ao processo de um carimbo.

A Figura 1 apresenta um exemplo da impressão de uma xilogravura de um livreto de cordel, assim como os cordéis antigos eram ilustrados.

Figura 1 - Uma viagem ao céu



Fonte: Haurélio, 2013, p.117.

Importante destacar: capas e suas reimpressões, ainda nos dias atuais, seguem com as características acima citadas em algumas publicações de folhetos de cordel. Na figura 2 temos mais um exemplo.

Figura 2 - A mulher roubada



Fonte: Diégues Júnior 1975, Coleção da Biblioteca Nacional.

Nas duas ilustrações apresentadas, é notório observar o processo utilizado: a xilogravura, arte característica nas produções de cordel. As duas ilustrações possuem anos de

diferença de uma para outra, mas ambas têm coloração preta e branca e representam textos escritos pelo mesmo autor, permitindo verificar também a base e a propagação dessa arte. Além disso, é necessário pontuar os aspectos do cordel, de construir a fantasia narrativa e encantar seus ouvintes, leitores e apreciadores. Entretanto, a importância da literatura de cordel vai além dessa manutenção teórica de sua criação e composição (Haurélio, 2013). Sua importância está muito mais relacionada à permanência, à reescrita, à intertextualidade e a criação do diálogo e atualização das narrativas e composições do cordel.

Outra informação de relevância para o trabalho proposto é expor que o ambiente sociocultural da região nordestina serviu como catalisador dessa literatura (Diégues Júnior, 1975). Além disso, é importante destacar que a literatura de cordel possui musicalidade em sua narrativa, fato no qual o narrador se chama cantador. Como dito anteriormente, essa manifestação literária se estabelece também na oralidade e, por isso, muita produção se perdeu.

Existem dois tipos de cordéis; o tradicional, que comumente está na memória dos cantadores e é chamado de obra feita, e o outro é de improviso, o repente, utilizado em momento espontâneo. E segue sendo empregado entre os repentistas nos desafios, tornando-se comum nas feiras dessas regiões, onde é possível encontrar cordéis sendo vendidos, como também comidas típicas, vestimentas, uma diversidade cultural viva resistindo.

No entanto, é preciso pontuar as muitas iniciativas para que essa arte escrita e literária não fique perdida no ostracismo, nem tampouco suas produções sejam lidas e conhecidas somente em determinada região. Com o advento da tecnologia, novos cordões são dispostos para a exposição dessa grande obra literária tão a cara do povo brasileiro. Haurélio (2013) defende que “atualmente, com o advento da *internet*, as redes sociais, *blogs* e *sites* de relacionamentos têm sido espaço de curiosas pelejas em que, em vez de viola, pandeiro etc., os “cantadores” se valem do teclado do computador” (Haurélio, p. 2013).

O cordel resiste sobretudo pelas apropriações intertextuais. Dessa forma, a literatura infantil e juvenil contemporânea também dialoga e adapta estruturas narrativas e poéticas do cordel. Os textos dos autores contemporâneos apresentam algumas modificações e adaptações, como a preocupação com a ortografia, rima, e os recursos utilizados. Mas é perceptível pois boa parte dos temas ainda são muito utilizados e valorizados, ou mesmo mantém alguns aspectos como a religiosidade, o heroísmo, os comportamentos humanos são temas e a vida cotidiana também se apresenta em diversas produções. Haurélio (2013, p.149) reflete que são muitas as iniciativas que, na atualidade, contribuem com a difusão da literatura de cordel.

O grande fenômeno para Haurélio (2013) são as produções recentes voltadas para o público infantojuvenil. Um exemplo é a obra *Ela tem olhos de céu*, da autora Socorro Acioli, segue sendo o corpus dessa análise, por ser uma literatura infantil, e sua escrita ser um cordel atual, com características do cordel antigo, com manutenção de identidade cultural, assim também como apresentado e ilustrado numa nova projeção contemplando a contemporaneidade que o cordel hoje busca para se manter vivo.

1.2 A LITERATURA INFANTIL

A literatura, enquanto manifestação artística e cultural, assume um papel essencial ao homem, o de o humanizar. Como esclarece Antonio Candido, que assim diz:

Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar (Candido, 2002, p.18).

Assim, o acesso à literatura é um direito humano e pode ser apreciado por indivíduos de todas as faixas etárias. Nesse sentido, reside a importância de obras literárias voltadas para crianças e jovens, pois essas obras contribuem para a formação de leitores, o incentivo à imaginação e a criação da subjetividade. Contudo, é necessário considerar a gênese da literatura infantil: seu surgimento está atrelado à escola, com a utilização de textos literários com fins pedagógicos.

Dessa forma, apesar da existência de uma série de obras infantis, a leitura literária muitas vezes não é plenamente permitida, pois essas obras ficam subordinadas ao utilitarismo (Perrotti, 1986). No entanto, os valores e as percepções serão individuais e distintos em cada criança. A literatura é aquilo que se faz dela, e por muito tempo a literatura infantil. Seu papel era estabelecido como uma ponte para a educação e a leitura, sendo executada em sala de aula com finalidades práticas.

A literatura infantil surgiu inicialmente com a função de atender às necessidades educacionais das crianças, assim como com o advento do livro didático como instrumento de propagação dessa categoria. No entanto, com o tempo, evidenciaram-se as características da literatura como arte, que evoca a imaginação e o lúdico, permitindo que o ser humano se

conecte com sua parte criativa, tornando-o capaz de sentir e viver experiências simplesmente pelo fato de serem literaturas. Todavia, essas características não eram as principais preocupações de seus autores no início. Sob o ponto de vista de Nelly Novaes Coelho, que afirma:

Vulgarmente, a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor (Coelho, 2000, p.27).

Afinal, essa situação surge quando a burguesia ascende e a escola passa a ser uma necessidade dessa classe em ascensão, voltando seu olhar para a figura infantil, que anteriormente era banalizada ou relegada aos cuidadores, sem didática ou conhecimentos educacionais. De acordo com Simões (2013), a criança acompanhava o adulto e participava de sua literatura; nada era pensado ou feito exclusivamente para esse público. A mudança ocorre a partir da Idade Moderna, com a “ascensão da burguesia e o estabelecimento de uma nova noção de família a partir de um núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade e propriedade, estimulando o afeto entre seus membros” (SIMÕES, 2013).

Para Coelho (2000), a criança era vista como um adulto em miniatura, e os primeiros textos infantis eram adaptações simplificadas de textos para adultos. O resultado eram obras que não atendiam às necessidades desse público, não ampliavam sua visão de mundo e nem permitiam o acesso ao lado mais profundo despertado pela literatura. Sua função era específica, e suas produções estavam relacionadas à utilidade. Com essa nova modelagem da escolarização, surge a literatura infantil, que, em seu primeiro momento, se estrutura com base em temas utilitários, sempre com um propósito educacional.

[...] a literatura infantil passou a ocupar ao lado da escola e da família um papel fundamental na formação dos indivíduos. Mesmo postulando o ideal de que a literatura infantil deva ser, antes de tudo, arte, e que em nada difere da outra literatura (sem adjetivos), a sociedade espera que o papel de formação, seja do gosto, seja da capacidade crítica e criativa até a aquisição de conhecimentos assuma, na produção literária para crianças, uma marca fundamental. (Simões, 20xx, p.225).

Coelho (2000) aponta que, através da psicologia experimental, o caminho para uma literatura infantil autônoma começa a se abrir no século XX, tendo sido descoberta a

importância dos diferentes estágios de desenvolvimento, indo da infância até a adolescência e mudando o que se entende por “criança”. Sendo assim, fez-se necessário para a literatura infantil/juvenil adequar-se ao seu público.

Em paralelo, o conceito de infância muda constantemente, e, com isso, a adaptação e a classificação da literatura infantil se tornam abertas e variáveis. Como aponta o estudioso Peter Hunt: “Em suma, a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja estável” (Hunt, 2010, p. 94). É necessário considerar a literatura infantil como literatura em si, e, portanto, ela deve atender aos critérios literários antes de se pensar em uma função específica para ela. Assim, sua estabilidade como literatura e sua recepção ultrapassam os parâmetros previamente estabelecidos para sua composição:

Tratar livros para crianças e jovens enquanto literatura implica conferir-lhes o mesmo status da literatura não infantil e, conseqüentemente, considerá-los aptos a receber o idêntico tipo de reflexão voltado àquela. Implica, assim, considerar seu estudo habilitado a desenvolver-se através de metodologias e epistemologias formuladas a partir de e desenvolvidas a propósito da literatura não infantil e vice-versa (Lajolo, 2017, p. 12).

Percebemos então que a literatura infantil é tão literatura quanto qualquer outra e precisa receber a mesma análise, produção e investigação. É, no entanto, necessário estabelecer a importância e o paralelo criado entre a literatura infantil e a literatura em sua adjetivação. Na concepção de Maria Teresa Andruetto, “A leitura e a experiência estética encontram-se entre os exercícios mais radicais de liberdade” (2012, p. 57). Assim, Andruetto faz perceber e entender sobre a oferta de livros literários para esse propósito é o caminho para a infância e a literatura ocuparem espaços sem a distinção e a necessidade de caracterização de ambas.

Nessa mesma perspectiva, Andruetto esclarece em sua reflexão sobre a literatura:

[...] grande parte dos livros destinados ao setor infantil ou juvenil [...] procura uma escrita correta, quando não francamente frívola (politicamente correta, socialmente correta, educacionalmente correta) [...]. E já se sabe que correto não é um adjetivo que cai bem na literatura, pois a literatura é uma arte na qual a linguagem resiste e manifesta sua vontade de desvios da norma (Andruetto, 2012, p. 60).

A literatura infantil se apropria das ilustrações, que ganham uma amplitude comparável à linguagem escrita, onde as imagens podem e devem desempenhar um papel que

vai além de um simples enfeite. Elas dialogam com o texto escrito, contando sua própria história e ampliando os sentidos da obra. Sabemos que as regras muitas vezes são ditadas pelo mercado, mas a literatura se adapta, renova e reinventa. Ela se entrelaça com outras formas literárias e transcende os padrões estabelecidos para ela. Um exemplo disso é a obra analisada neste trabalho: um livro de literatura infantil escrito em cordel, cujo valor se elevou ao ser reconhecido e premiado. Este livro em particular recebeu um prêmio de grande prestígio em 2013, sendo consagrado como o melhor livro de literatura infantil do ano. *Ela tem os olhos de céu* está classificada em sua ficha catalográfica como literatura infantil. Entretanto, a conexão que a obra possui com o cordel fortalece a valorização desta categoria literária, removendo-o da visão ultrapassada de "literatura menor" que outrora carregava.

2 IDENTIDADE E INTERTEXTUALIDADE

2.1 CONCEITOS DE IDENTIDADE(S)

Obras literárias trazem representações de construções identitárias. Tanto a literatura infantil quanto a literatura de cordel, frequentemente, exploram temas relacionados à identidade, especialmente ao respeito da formação de identidade cultural das crianças. Enquanto a literatura infantil pode abordar a identidade individual de seus personagens de forma mais direta, a literatura de cordel tende a explorar a identidade cultural de um povo ou região, transmitindo tradições, valores e costumes locais. Afinal, a literatura é o lugar de ser, de criar e de transformar, e também de se reafirmar (Calvino, 2007).

Assim, inicialmente, pensar sobre identidade nos conduz aos estudos de Stuart Hall (2011). O pesquisador nos faz refletir sobre três concepções diferentes: a do sujeito iluminista, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O sujeito iluminista está firmado como um sujeito totalmente centrado e unificado, com uma postura de racionalidade e autenticidade. No entanto, o sujeito sociológico não apresenta autonomia e autossuficiência,

pois era formado na relação entre as pessoas na sociedade. Sua centralidade está baseada em suas relações. Por sua vez, o sujeito pós-moderno tem uma identidade fragmentada em razão da globalização e do hibridismo cultural, que com o avanço tecnológico permite essa ligação e diversidade de culturas uma intrincada na outra. Essa identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos que nos rodeiam (Hall, 2011). Ou seja, o homem e a sociedade passaram por essas três concepções, e assim atualmente essa concepção fica conectada com traços do moderno e do pós-moderno de maneira fluida. Mas assume também uma concepção remodelada ao contemporâneo na visão atual da sociedade, com características híbridas, cibernéticas, multifacetadas, mas sem fugir de suas origens.

Segundo Hall, a temática da identidade “é demasiadamente complexa, pouco desenvolvida e muito pouco compreendida na ciência social contemporânea” (2011, p.8). Isso se deve porque as identidades são fortemente marcadas por fluxos materiais e simbólicos, por conflitos e interesses. No entanto, o detentor de poder em sua maioria define os padrões de simetrias predominantes, assim como também a forma de construir essa identidade, como ela será difundida, e quais os meios essa maioria pontuaram como ideais. Ou seja, aquilo definido como os padrões culturais, referenciais e identitários serão sobretudo os moldes estabelecidos para se construírem a identidade de determinada geração. Assim sendo, a classe dominante decide se isso será destituído, se ele é ou não adequado, com as definições estabelecidas, eles caíram usualmente em desacredito ou não, conforme definido por esse padrão.

As classes dominantes são determinantes para a construção de uma identidade nacional. Como aponta Hall (2011), uma nação não é apenas uma entidade política, mas também é produtora de sentidos e de sistemas de representação cultural. Dessa forma, os integrantes de uma nação não são apenas cidadãos, eles participam e agem sobre a ideia de nação representada na cultura nacional. Dessa forma, “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (Hall, 2011, p. 48). Tais sentidos estão contidos nas histórias, nas tradições, nas memórias que constroem a imagem de passado e presente de um país.

A identidade nacional é construída a partir de interações e conceitos estabelecidos pelo grupo social de maior prestígio e domínio (Albuquerque Junior, 2017). O que de certa forma favorece a uma classe social e desfavorece a outra. Assim também é feito com os estereótipos que surgem em detrimento de determinados locais, pessoas e culturas. A região Nordeste recebe um estereótipo, que a fez carregar por tempos a imagem de uma região seca, agreste e sofrida, além de seu povo ser discriminado por seus traços e costumes. Outra marca dessa descaracterização se dá na construção de valor de sua arte e de sua literatura. O que se

cria no Nordeste não recebe valorização assim como o que se cria como arte em outra região; isso se estabelece devido à forma que a colonização e a movimentação da população foram estabelecidas no primeiro momento em que o Brasil foi ocupado. Como aponta Albuquerque Junior (2017, p. 102),

A figura do nordestino, que começa a ser elaborada a partir dos anos 20 do século passado por uma vasta produção literária, artística e cultural, vai, pois, incorporar e congregar diferentes tipos que já haviam sido pensados anteriormente ou que estavam em pleno processo de elaboração, como: o cangaceiro, o jagunço, o coronel, o flagelado, o retirante, o beato, o romeiro, além dos tipos regionais anteriores àquelas denominações que eram usadas, antes que o termo nordestino surgisse, para nomear os habitantes deste espaço, como: o nortista, o brejeiro, o praieiro e o sertanejo. Todas estas figuras têm alguns traços em comum, que marcarão o próprio nordestino e serão uma das causas da forma estereotipada e preceituosa como este tipo regional é visto e tratado, no Brasil, até hoje.

Assim, é necessário entender que o povo e a sociedade criada nessas regiões precisavam ser mais resistentes e resilientes para que sua cultura e suas características identitárias permanecessem vivas. A luta por valorização e eliminação dos estereótipos que dominavam a forma de referência do povo nordestino segue em voga. O Nordeste não é somente o cangaço, a seca e os coronéis, tampouco os fanáticos religiosos. O Nordeste é além de tudo o que se diz dele, uma terra de luta, de povo corajoso, de homens e mulheres que acreditam no novo e por esse novo buscam todos os dias. Sendo assim, vale ainda pontuar que a identidade do povo nordestino necessita de uma vitória e uma abertura para que se amplie a forma de ver o que de fato faz a face dessa cultura se destacar.

Nascer neste território atrai a necessidade de buscar entender as diferenças que existem nesta vasta população. Este fato, como mostra o autor Albuquerque Junior (2017), demonstra claramente a formação da identidade do Nordeste e consequentemente de seu povo, que não pode ser desassociado, pois o local de seu nascimento apresenta pontos de caracterização do indivíduo. Esses locais, acessados por esses grupos, formam a identidade do povo. Não se deve, no entanto, permitir que os estereótipos estabelecidos sejam eles os únicos caracterizadores de uma classe ou território.

Entretanto, apesar da nossa defesa da valorização da identidade nordestina e do combate ao preconceito, é preciso considerar que o mundo globalizado coloca em xeque a construção de identidades fixas e imóveis. Sob a ótica do filósofo Zygmunt Bauman:

A dissolução das tradições e dos referenciais está relacionada à crise de autoridade, vivenciada na sociedade contemporânea, devido à queda de

vários sistemas historicamente construídos, como elementos de unidade, que serviam como referenciais coletivamente determinados e aceitos (Bauman, 2004, p. 68).

Bauman explica que há uma crise na construção de identidades na contemporaneidade, especialmente em relação à identidade nacional, transformando assim a identidade nacional numa fração definida e limitada pelo poder. Para Bauman (2005), a identidade do indivíduo ocorre a partir de seu nascimento em um país e sua afirmação dentro dessa nacionalidade, ou seja, para possuir uma determinada identidade nacional tem que ser aceito oficialmente no seu reduto social. Tal fato se estabelece na segregação e no domínio de poder de uma minoria, sendo perceptível identificar como a identidade nacional e social se baseia no poder; o indivíduo possui uma certa liberdade para construir sua identidade, mas é influenciado por aquilo que está posto no meio externo e pelo que acessa como forma de concepções de bom, em busca de identificação. Com isso, a construção social da identidade se conecta ao conceito também de poder, e junto com ele a necessidade de manutenção.

Com essa perspectiva, a identidade é criada quando se nasce e é aceito no reduto social, é possível então perceber que a necessidade de pertencimento e uma identidade para se definir, sejam necessárias na construção da personalidade do homem, e aqui digo ser social, busque constantemente uma identificação com tudo a sua volta, e assim, nos leva mais uma vez a falar sobre a bagagem social de cada ser, formada através do percurso, dos caminhos trilhados, do toque proporcionado pela vida, e a qual classe foi a ele disponibilizada, acessada sempre. Essa identidade, então, é assim formada e construída. Hall (2011, p.48) afirma sobretudo que as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

O conceito de identidade, nesse sentido, possibilita um protagonismo de existência e criação, que antes não era socialmente autorizado, mas que agora faz parte da sociedade contemporânea, atual e globalizada. Tal aspecto é enfatizado por Hall: “A Globalização tem um efeito pulverizador sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando-as identidades mais políticas, mais plurais e diversas” (Hall, 2011, p.87). A globalização tem o perfil de poder que determina e produz uma identidade a ser disseminada. Dessa forma, resistir a determinadas imposições é criar uma identidade que se estabelece pela força contra o sistema e, nesse caso, às instituições dominantes.

Para Castells (2000 p.55), existem três origens de construção das identidades legitimadoras, que são introduzidas pelas instituições que dominam a sociedade a fim de

multiplicar e expandir sua rede de domínio, racionalizando a relação social. Identidade de resistência, criada ou construída por indivíduos que se encontram em posições desfavorecidas e desvalorizadas ou mesmo estigmatizadas, reduzidas e discriminadas pela lógica dominante, esses indivíduos constroem trincheiras de resistências e sobrevivências com bases diferentes do que norteiam as classes dominantes ou as instituições dominantes. Por último, a identidade de projeto, que consiste na utilização pelos atores sociais de qualquer tipo de recursos e materiais culturais à sua disposição, e constroem a partir disso uma identidade capaz de remodelar e redefinir sua posição no contexto social, e fazendo isso, busca a transformação e adaptação da estrutura social outrora dominante e que o segregava. Culturalmente e historicamente, a identidade é construída através da aceitação das inúmeras marcas sociais existentes.

Afinal, dar voz à população brasileira e, principalmente, a população nordestina, que é o objeto da pesquisa, é uma necessidade de reparação histórica, de permitir que agentes culturais, antes discriminados e inferiorizados, possam existir em sua verdadeira porção, além de permitir àqueles não vistos e refletidos na história possam a partir de agora se identificar nessa categoria. Pois, reconhecer essa identidade é um caminho percorrido pela literatura por inúmeros fatores, e oferece através de seus recursos a construção da identidade de um povo. Sendo necessário pontuar que estamos estabelecendo uma concepção de identidade criada-por meio da literatura, que pode ser acessada por meio da construção de identidade do objeto escolhido como *corpus* de pesquisa. Em razão disso, nos interessa compreender como o livro *Ela tem olhos de céu* compõe uma representação da identidade nordestina, dialogando com os aspectos do cordel e da literatura infantil.

2.2 INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é, na sua forma simples, definida como um “diálogo” estabelecido entre textos, buscando semelhanças, ligações e conexões entre ambos, marcadas na forma textual ou não. É possível perceber a intertextualidade em diversas construções textuais, mas a literatura utiliza essa característica como um recurso, para se refazer, recriar e resistir. Assim a literatura e suas intertextualidades ocupam um papel fundamental nessa união, entre o novo, o velho e as múltiplas possibilidades de interações artísticas. Pois a intertextualidade apresenta nesse conceito de construção a ponte para caracterizar novas identidades.

A intertextualidade se refere à relação entre textos literários, onde um texto faz referência, cita ou dialoga com outro texto. A intertextualidade pode ocorrer de diversas formas, desde uma simples referência a um texto anterior até uma recriação ou paródia de um texto existente, uma forma importante de enriquecer o significado de uma obra, conectando-a a um contexto mais amplo de referências culturais e literárias (Samoyault, 2008, p. 11).

No entanto, vale ainda pontuar que a intertextualidade apresenta conceitos e definições para a literatura, que permitem a adaptação e inclusão deles nessa análise, afinal, a intertextualidade busca conexões e é exatamente isso que a literatura cria: pontes e elos. A intertextualidade (explícita e implícita), no entanto, pode ser percebida nas duas categorias de análise. Para o presente estudo aplica-se a intertextualidade implícita, observada quando não se tem inferências textuais presentes, mas que se faz perceber por meio da leitura do texto a presença de outro texto, diálogo, história outrora conhecida pelo leitor, abrindo a possibilidade de cada um que acesse a obra apresente uma possível intertextualidade, mediante sua bagagem literária. Portanto, a intertextualidade se apresenta como um mosaico que se conecta a partes tanto textuais quanto de interpretações e conexões, afinal a escrita é um ato de reescrita. Sendo assim, a intertextualidade deve ser compreendida como uma prática de múltiplos textos dentro de um mesmo texto:

Chega-se a considerar a intertextualidade não como o simples ato de citar, de tomar emprestado, de absorver o outro, que seria uma técnica literária entre outras, mas como uma caracterização da literatura, assim afastada de uma história que se quis com frequência determinista (a história literária, sucessiva e secular, tal como apresenta os manuais) (Samoyault, 2008, p.11).

Com isso, a intertextualidade apresenta a sua estrutura muito mais complexa do que uma citação, ou a identificação no texto de um outro texto lido. A intertextualidade possui um caráter criativo diante do já feito e do já dito. Nessa perspectiva, Samoyault (2008) compreende que:

Um escritor pode ser original apesar da constatação melancólica do “tudo está dito”; o próprio da originalidade artística reside talvez nisso, na assunção da memória e na ultrapassagem da melancolia. É também por isso que a memória da literatura não se contenta em ser contemplação narcísica ou repetição de si mesma e que intervém dimensão importante de qualquer reflexão sobre intertextualidade seu caráter lúdico (Samoyault, 2008, p.39).

E assim é possível perceber esse caráter lúdico da literatura, apresentando o leque de extrapolação que a intertextualidade pode se apoiar, pois se baseia na memória literária e na sua dimensão. Em suma, a intertextualidade não é apenas uma retomada nem uma citação ou reescrita, mas sim uma passagem de escritura da relação dela consigo e com o outro. Kristeva (1974, p.64) diz que todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Concordando com a afirmativa, acrescentaremos ainda que a intertextualidade é um quebra-cabeça onde as peças para a conclusão da obra ou texto estão no ato de leitura, na bagagem cultural, literária e artística do leitor.

Para Samoyault (2008), todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade. Arrisco a acrescentar a identificação pessoal, afinal o texto estabelece um diálogo muito particular com cada leitor, diante da sua construção identitária literária. Vale salientar sobre a bagagem literária de um indivíduo, necessário dizer que essa é muito singular e parte do princípio do consumo no decorrer da sua construção de identidade no seu desenvolvimento, além do acesso a ele permitido no contexto cultural no qual estava inserido.

A intertextualidade, inegavelmente, trabalha com a possibilidade de reescrita e modificação do sentido original, apesar de que segue sendo possível fazer uma identificação um reconhecimento da obra inicial. Para Samoyault (2008 p. 11), todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente: os discursos existentes, levando-os a um ponto de saturação, de hibridismo e de paródia que conduz necessariamente a sua transformação. Sendo assim, é necessário ainda pontuar que, por se tratar de um estudo literário, a subjetividade está envolvida, nos levando a perceber, então, a intertextualidade ganhar uma outra possibilidade de existência, pois a cada leitor a subjetividade terá uma forma de identidade, pois o mesmo possui elementos pertencentes somente a ele, o que vai estabelecer diálogos singulares.

É possível identificar a intertextualidade na construção de *Ela tem olhos de céu*, tanto com a literatura infantil, como com a literatura de cordel. Assim também como permite a construção de identidade, a ampliação dos sentidos, da fantasia que abre novamente os braços para a intertextualidade, e a subjetividade da interpretação da obra. A intertextualidade que este trabalho busca é a de identificação e de percepção de diálogo com uma outra possível obra, ou um conto folclórico, ou mesmo algo que se remete a situações do cotidiano que faça criar no leitor a sensação de já ter tido acesso a essa história de alguma forma. Afinal, anteriormente falamos sobre a literatura oral, que de certa forma contempla parte substancial

desse trabalho, e que na obra analisada apresenta intertextualidades orais, artísticas, de cunho folclórico, dentre outras que abordaremos melhor na análise da obra.

3 ANÁLISE

A literatura infantil e a literatura de cordel possuem elementos em comum em sua construção, tais quais a presença de elementos insólitos ou fantásticos, o protagonismo da ilustração, a musicalidade como característica presente na narrativa, dentre outras. Em especial essa análise foca na preocupação com a construção da identidade, com a intertextualidade e em como o cordel é recriado para crianças. Assim, é possível observar que a obra *Ela Tem Olhos de Céu* apresenta uma adaptação da literatura de cordel, e também acrescenta em sua produção uma ilustração diferente da convencional.

Nessa mesma lógica, a obra analisada por ser apresentada como descrito anteriormente em um cordão contemporâneo, este que podemos definir como não mais o lugar de pendurar os livretos para serem vendidos, mas o cordão do tempo, da contemporaneidade, adaptação, resiliência. Assim, há uma conexão com o cordel tradicional, tendo em vista o diálogo com as estruturas clássicas deste gênero literário.

Ela tem olhos do céu é um livro de Socorro Acioli, publicado em 2012, ganhador do prêmio Jabuti como melhor livro de literatura infantil do ano de 2013. Chega ao público com a narrativa cordelística envolvente e sensível, podendo ser caracterizado como um cordel lírico, cheio de rimas, trazendo em sua apresentação um conteúdo bastante emocionante, onde a vida do povo nordestino e sua situação de sobrevivência são reveladas com a rotina do dia a dia. A falta de água, o nascimento, a chuva, as fatalidades que assolam essa região há tanto tempo. O livro apresenta o nascimento de uma menina, nascida depois de cinco filhos homens, esperada por sua mãe, mas carregando uma sina. O livro aborda a realidade de muitas mulheres, quando suas vontades e desejos ficam sobrepostos às aspirações dos outros, não se sabe exatamente se ela é santa ou mais uma desafortunada. Seu choro de chuva é algo bom ou não, essa é a narrativa que se apresenta na obra.

Sebastiana, nossa protagonista, nasce em Santa Rita do Norte, em um dia quente, e dona Chica parteira pede água para fazer seu parto. No decorrer da história, é possível identificar a cultura do povo nordestino, suas crenças, costumes, seus causos ganham forma e levam o leitor a entrar nesse mundo fantástico que só a literatura é capaz de criar com a contação de história. No decorrer da narrativa, o nascimento de Sebastiana chega acompanhado de chuva, toda vez que a criança chora, desce água do céu, este fato é

observado por seu irmão, e logo mais testado por seu pai para que de fato ele pudesse ver se sua filha fazia chover.

Seu pai é o primeiro a dizer que ela é santa porque faz chover, mas com o decorrer dessa narrativa, o povo descobre o fato, e como seres curiosos e sociais, passam a peregrinação para apreciar a menina. Sebastiana cresce e sorri quando come rapadura, mas chora também, o que em algumas situações não é bem-visto pelo povo de Santa Rita do Norte, afinal, alagar uma cidade não é lá coisa boa, nem deixar o açude secar, então o povo dizia quando e como Bastiana poderia chorar. Até julgada por um juiz ela é, e ele dá a sua sentença. E assim a sina da menina é estabelecida e sua vida dominada pelos desejos da população.

3.1 CARACTERÍSTICA DO CORDEL EM *ELA TEM OLHOS DE CÉU*

O cordel que, segundo Diégues Junior (1975), recebe este nome por antigamente ser pendurado nas casas por um cordel (cordão), surgindo sua nomenclatura. Pelo viés de Diégues Junior:

Tudo indica, entretanto, que essa difusão antes de fazer-se impressa como hoje, era manuscrita. Folhas soltas ou cadernos de papel registravam a tinta ou a lápis os versos, os fatos, a poesia; e iam passando de mão em mão, circulando de uma área a outra, e assim divulgando-se. Não era assim que se disseminavam receitas de doces e bolos? E também orações religiosas? E ainda os modelos de renda de bilros? Acredito que teria sido, através do manuscrito, que começaram a surgir os versos ou a poesia popular, que iria depois dar base ao aparecimento da literatura de cordel contemporânea. (Diégues Junior, 1975, p.22).

Atualmente, o cordel tem ganhado novas roupagens e estruturas que diferem dos clássicos, um fato decorrente da necessidade de adaptação que as literaturas precisam vivenciar para se manterem vivas. Na construção literária contemporânea, essa adaptação é crucial para que certas modalidades permaneçam atuais. Isso inclui a literatura de cordel, que até recentemente se restringia aos espaços públicos das feiras, ao ambiente privado das casas e fazendas, ou mesmo à transmissão oral, passada de geração em geração. Para garantir sua sobrevivência, o cordel precisou se adaptar, e com isso conquistou seu espaço de prestígio nas estantes da literatura. Analisar esta obra é uma prova de que a literatura de cordel não apenas resistiu, mas também soube se reinventar, atando seus laços com a era globalizada e permanecendo relevante.

É primordial pontuar que nesse capítulo encontra-se análise da observação do livro *Ela tem olhos do céu*, e o que se mantém da literatura de cordel. Como apontado anteriormente, uma das características do cordel era que suas ilustrações basicamente eram feitas em xilogravuras, na maioria das vezes preta e branca. Além disso, sua edição e impressão se dava em materiais bem simples para que pudessem ser vendidos nas feiras livres e por um preço acessível à realidade da população, conforme apresentado nas figuras 1 e 2 anexadas anteriormente. Para essa análise, fica evidente a ruptura dos padrões da ilustração. Afinal, quando se muda ou se adapta o tradicional, rasgam-se as fórmulas e apresenta-se uma nova forma ou formato de refazer aquilo que já estava posto. Isso não reduz ou desqualifica o valor do feito, muito pelo contrário, apresenta uma proposta diferente, uma readaptação, um novo olhar para a antiga estrutura. Em benefício de comprovar a análise, segue a figura 3 para apreciação:

Figura 3 - Capa livro Ela tem olhos de céu



Fonte: Acioli, 2012, capa.

Desse modo, ao compararmos as imagens 1 e 2, percebemos uma ruptura nos padrões tradicionais das ilustrações do cordel. Afinal, este exemplar recebe uma capa dura e

uma ilustração de Mateus Rios, cuja composição convida à apreciação detalhada das imagens. Mateus Rios também ilustrou outras obras para a Editora Biruta.

É importante lembrar que o "cordão", como era chamado anteriormente e que dá nome à literatura de cordel, hoje se estabelece em constante transformação para permanecer vivo. Atendendo às demandas da contemporaneidade, o cordel, por meio de sua resiliência e adaptação, tem percorrido o caminho da resistência, garantindo que não caia no esquecimento. Essa capacidade de renovação assegura a reestruturação da literatura ao longo das gerações. Socorro Acioli aponta a possibilidade de apresentar o tradicional e utilizar novas abordagens e técnicas, tanto para conquistar um novo público quanto para preservar o tradicional, sem permitir que ele se torne ultrapassado.

As ilustrações em obras literárias podem ampliar os sentidos do texto. Na literatura de cordel, elas eram inicialmente usadas para destacar e introduzir o tema principal tratado na obra, dando ao leitor uma ideia do conteúdo que seria explorado. No entanto, hoje se reconhece que a ilustração não é mais um simples desenho simbólico para atrair atenção. Ela pode ir além da palavra escrita, manifestando-se na criatividade e dialogando diretamente com o imaginário, acessando a subjetividade do leitor. Dessa forma, a ilustração transpõe o texto, ampliando-o ou complementando-o com novas camadas de significado. Assim, para Nascimento (2019), a ilustração em xilogravura é uma característica do cordel, e ainda reforça que:

[...] outro aspecto no tocante ao folheto a ser considerado é sua ilustração que tradicionalmente se dá por meio da técnica de xilogravura: arte de fazer gravuras em relevo sobre madeira. Numa espécie de comparação com o carimbo, a madeira, depois de pintada, é prensada na folha. O desenho obtido é conhecido como xilogravura. Essa arte ilustra as capas do cordel e dizem muito a respeito da obra a ser lida: é uma forma de proporcionar ao leitor um primeiro contato com o texto (Nascimento, 2019, p. 96).

Sendo então, determinada a existência de uma diferença na apresentação dos livretos tradicionais e na obra analisada, é possível identificar a presença de uma mudança. Essa modificação é pertinente à análise, afinal, não se quer rotular nem enquadrar absolutamente nada, somente pontuar a existência e a possibilidade dessa variante. Em um primeiro momento ao olhar para a capa da obra não conseguiremos definir ao certo o seu tema somente pela ilustração, afinal, a possibilidade da leitura e interpretação inicial da xilogravura é determinar a temática e o primeiro contato com o texto. *Ela tem olhos de céu* então deveria começar com a capa azul, afinal o céu é azul, mas em dias chuvosos ele fica cinza. Dessa

forma, marca uma evidência da ruptura com o tradicional, abrindo possibilidades interpretativas da ilustração, permitindo ao leitor estabelecer essa conexão. Outra e necessária análise é a estrutura apresentada no cordel. Como dito anteriormente, a principal característica e a mais comum forma de encontrar o cordel é no formato de sextilha. No cordel da obra analisada não existe a presença dessa característica comum, e mais utilizada.

O cordel de Socorro Acioli tem em sua construção uma quadrilha com sete sílabas poéticas. Sob o ponto de vista definido por Haurélio (2013), ele possui um pé que seria perfeito, e possui as sete sílabas poéticas, mas rompe com a estrutura tradicional por não ser uma sextilha. É possível observar no trecho a seguir a construção rítmica e poética do cordel:

Quem não viu não acredita (X)
Não leva fê que é verdade (A)
Não compreende o mistério (X)
Que brotou de uma cidade (A)

(Acioli, 2012, p. 6)

Diferente da sextilha que apresenta um XAXAXA³, a quadra só vai possuir um XAXA, assim, vale relembrar, com (X) não possuem rimas e as com (A) possuem rima. Nesse viés, leva a perceber uma nova ruptura exercida pela autora na produção deste cordel, pois não mantém a sextilha, a forma de verso mais comum e tradicional. Haurélio (p. 128, 2013) elucida que:

Tem que conter sete sílabas,
Disso não se abre mão;
Portanto, é muito importante
Que, além de inspiração,
O cordelista não perca
Sua metrificação (Haurélio, 2013, p.128.)

Com efeito, parte do que está descrito na citação é encontrado em *Ela tem olhos de céu*, afinal a autora utiliza as sete sílabas poéticas, só modifica por não construir seus versos em sextilhas. Mais uma vez rompe com os padrões e faz do cordel o necessário para ganhar o lugar ocupado por ele nesse momento. Sendo assim, é importante ressaltar a utilização de estruturas diferentes das tradicionais, e isso em nada reduz a maestria nem o primor da obra, muito pelo contrário; a autora apresenta e defende a possibilidade de se apropriar das inúmeras maneiras de fazer cordel, escolher a adequada às suas necessidades e criar.

³ Nessa parte da análise, utiliza-se os recursos de representação de rimas utilizados por Haurélio (2013).

Em virtude dos fatos, tendo em vista ainda a autora aborda fatos sociais de destaques, Haurélio (2013) aponta que uma característica do cordel é o de usar seus versos para denunciar e revelar as reais condições da população, como um meio de comunicar e registrar as dificuldades do povo. É necessário ainda dizer, no que tange um tema comum na região nordestina e de grande relevância social, a seca e a falta de água que assola a população em modo geral. Dado o exposto, é apresentada outra característica do cordel, a de justamente abordar os conflitos e problemas sociais:

A criança vem chegando (X)
Já está para nascer (A)
E na casa não tem água (X)
Para o parto socorrer (A)

(Acioli, 2012, p.07)

A falta de água e a seca são a realidade de boa parte do povo nordestino. Assim, apresentar essa temática reafirma a característica do cordel de discutir temas de interesse social e denúncias de situações vivenciadas pela população, sem a real assistência de quem de fato deveria ter, trazendo para os olhos de todos a segregação das minorias. Levando em consideração esses aspectos, é possível perceber uma afirmação de identidade, pois somente aquele que de fato se fez nesse ambiente sabe a dificuldade da falta de água e da seca. Não vê o plantio se erguer no horizonte, assistir sem prognóstico de melhoria o gado morrer, a falta de água até para as necessidades básicas como beber, é algo de conhecimento do povo nordestino, identificado por ele na sua integralidade.

Socorro Acioli concebe um cordel sensível, com uma abordagem diferenciada, sem deixar de apresentar a profundidade necessária sobre o assunto. O livro, por se tratar de uma literatura infantil e apresentar um tema como esse no seu plano principal, carrega consigo uma adequação bastante necessária para o público. A autora não se priva de falar sobre assuntos sérios, nem admite pela construção de seu texto, na incompreensão do público sobre essa problemática, apropriando-se da realidade que esse público é muito mais do que outrora diziam dele. Ademais, Acioli fala da dificuldade enfrentada pela falta de água, mas também apresenta, com o nascimento de nossa protagonista, uma esperança: a de que dias melhores podem existir, são necessários olhos de céu para perceber o que aguarda cada um. Afinal, é seu olhar que define como você enxerga o mundo.

Atualmente a literatura de cordel está ganhando espaço e resistindo à forja temporal, globalizada e cibernética, fato este que permite sua veiculação em grande escala, propagando

sua existência e levando sua graciosidade versificada para tantos outros lugares. Assim faz-se perceber que, em sua luta para continuar viva, ela se deu uma nova roupagem, uma nova forma de se apresentar, sem deixar de trazer no seu interior a estrutura que a fez ser quem ela é, a literatura de cordel!

3.2 ELEMENTOS DE ENDEREÇAMENTO PARA CRIANÇAS

Dando continuidade à análise, abordaremos na obra os aspectos voltados para o público infantil. Em decorrência da necessidade de adequação para essa faixa etária, é possível perceber que a ilustração desempenha um papel fundamental, utilizando uma abordagem que dialoga diretamente com esse público.

Inquestionavelmente, a ilustração tem seu lugar garantido na literatura destinada a crianças. Na obra, as ilustrações são de responsabilidade de Mateus Rios, que cria um diálogo direto entre suas imagens e o cordel apresentado pela autora. As ilustrações de Rios frequentemente extrapolam o entendimento literal, trazendo apelo visual, identificação, movimento, profundidade e intertextualidade. Como Paulo Freire (1989) afirma, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, e, com isso, é possível dizer que o vínculo com a realidade vivenciada é, sem dúvida, uma base essencial para a construção do conhecimento do indivíduo.

Reafirmamos, assim, que para o público infantil, antes da palavra escrita, vem aquilo que está posto e identificável na ilustração. Texto e imagem precisam coexistir em harmonia. A ilustração não precisa ser apenas uma repetição do que está no texto; ela pode dizer muito mais. Isso fica evidente na Figura 3, com o título *Ela tem olhos de céu*. Em um primeiro momento, espera-se que a imagem reflita um céu azul. No entanto, o ilustrador, ao dialogar com a proposta do cordel (onde a capa tradicionalmente apresenta a temática, como nas xilogravuras), já rompe com essa expectativa. A capa, em vez de apresentar um céu azul, traz um céu cinza e nebuloso, com uma menina segurando um guarda-chuva, refletindo o destino de Sebastiana e subvertendo o sentido esperado da expressão "olhos de céu":

Figura 4 - Título da obra



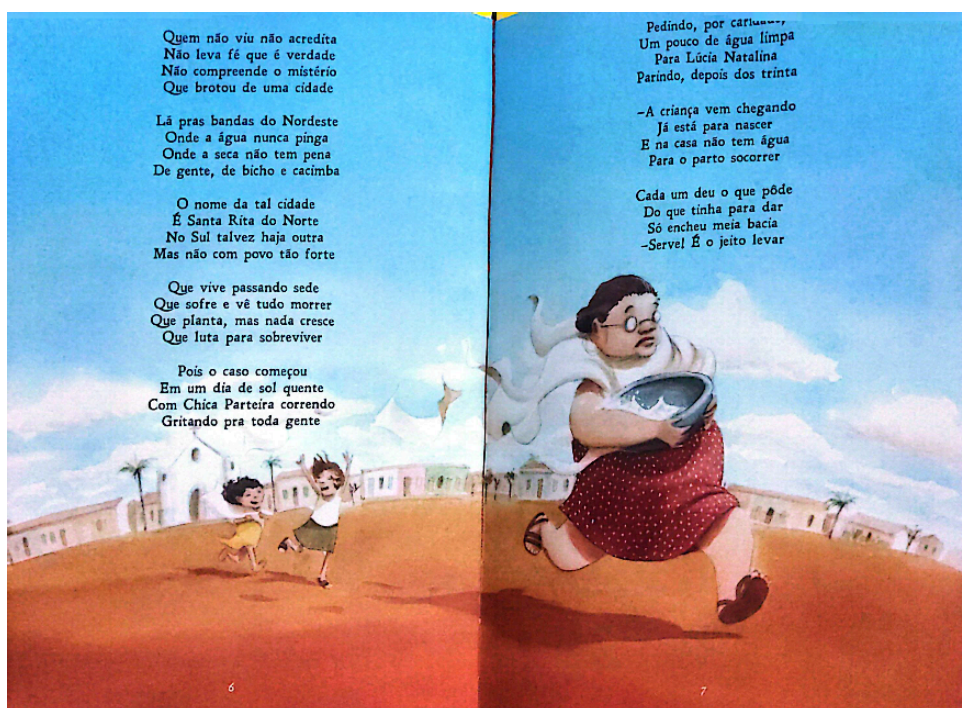
Fonte: Acioli, 2012, p. 4-5

Na Figura 4, é possível perceber que o ilustrador finalmente apresenta a proposta do céu azul, que seria a imagem idealizada em um primeiro momento, fazendo referência ao título da obra. Essa imagem poderia sugerir que a personagem teria olhos azuis como o céu, mas o ilustrador rompe com essa expectativa e cria um diálogo com o leitor, permitindo que ele preencha as lacunas e os vazios por meio da descoberta da história e das sequências ilustrativas. Esse recurso amplia a interação com a obra, oferecendo múltiplas interpretações e conexões. Sob o ponto de vista de Martha:

Como projeto gráfico diferenciado, os livros para crianças e jovens devem trazer imagens e ilustrações que ultrapassem a representação fidedigna do verbal e devem propor leitura autônoma e criadora do texto, que permita a elaboração de imagens mentais com semântica e sintática próprias, propiciando a interação entre linguagem verbal e a não-verbal, notadamente, em razão da possibilidade de ampliação dos horizontes de expectativas dos leitores pelo jogo de sentidos, pelo diálogo entre palavras e imagens. (Martha, p.94, 2011)

Sendo exatamente isso que se percebe na construção das ilustrações na obra, elas exercem esse papel de ampliar, ela quebra expectativas e ao mesmo tempo reconstrói, o que permite que cada leitor possa seguir criando e construindo sua própria leitura visual das imagens. Observe a próxima ilustração encontrada na obra figura 5:

Figura 5 - Início da história



Fonte: Acioli, 2012, p. 6-7

Na cena, é possível perceber elementos de adequação que colocam a criança em um ambiente familiar, que ela reconhece. A rotina diária, os encontros com os colegas e as brincadeiras de rua são aspectos que permitem à criança se identificar com a história. Lajolo e Zilberman (2017) chamam esse fenômeno de "rompimento de assimetria": quando o autor adulto consegue criar uma história que dialoga com o mundo da criança, sem impor os valores e perspectivas do mundo adulto. Além disso, o nascimento de uma criança é um evento comum e natural da vida.

É possível notar também que os elementos de aquarela, com suas cores vivas e as casinhas ao fundo, criam a impressão de movimento e profundidade. Luís Camargo, em *A ilustração da obra infantil* (1995), define as funções da ilustração, e nesta cena, podemos perceber o uso de funções descritivas e narrativas: a ilustração descreve os seres e objetos presentes no texto, ao mesmo tempo que amplia a narrativa, auxiliando no andamento da história ao despertar a sensação de movimento. A figura também constrói uma identificação com o leitor, que será abordada no próximo bloco.

Outro elemento de adequação é o cordel, que em sua estrutura traz musicalidade e rima, características que cativam o público infantil. Com trechos curtos e ritmados, o cordel se torna divertido e gera interesse nas crianças. A presença da poesia popular, que tanto se difundiu na literatura infantil em seus primórdios, é clara nessa obra. *Ela tem olhos de céu*,

por ser um cordel, consegue se adaptar e apresentar elementos adequados ao público infantil. O cordel, sendo uma forma narrativa, aproxima-se da realidade com a qual as crianças têm o primeiro contato, afinal, é através da narração de histórias que elas são introduzidas ao mundo literário. Martha (2011) observa que o texto narrativo é um texto híbrido, e isso coloca o cordel em evidência, especialmente quando destinado ao público infantil, como ocorre nesta obra:

Texto híbrido, fusão de cores e de luzes que encanta as crianças, jovens e adultos, integra mundos mágicos em uma mesma narrativa poética, revelando as raízes semelhantes da novela de cavalaria e do cordel nordestino brasileiro, o clássico e o popular (Martha, p.93, 2011).

Sendo assim, Acioli mais uma vez prova o porquê seu livro foi merecedor de um prêmio destinado a consagrar livros de literatura infantil. A autora cria algo que atende aos padrões de literatura, que permite a expansão dos horizontes desse público que é tão multifacetário, criativo e fantástico. Acioli na sua obra abre a imaginação; utilizando da ilustração, do cordel, ela permite a criança ter contato com temáticas sérias e ao mesmo tempo as apresenta com sensibilidade e com uma profundidade que faz a literatura ser literatura porque ela é arte. Para Coelho (2000):

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, a arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, as ideias e sua possível/ impossível realização... (Coelho, 2000, p.9)

O que ultrapassa a mera linguagem discursiva, permite à criança o acesso a literatura de qualidade sem a necessidade de adjetivos para a definir. Quem acessa a obra num primeiro momento não quer buscar a definição de que esta é ou não literatura para crianças. Ao abrir *Ela tem olhos de céu*, o leitor entra numa cidade chamada Santa Rita do Norte, e vive junto com o nascimento de Sebastiana toda sua história, que, vale pontuar, é progressiva. Sebastiana cresce e tem um desfecho de sua história, o que pontua mais um elemento de adequação. Para a criança identificar o nascimento, e o desenvolvimento permite a construção de identificação que aponta para a adequação presente na obra. Outro ponto de extrema relevância na obra é a presença do fantástico. Na narrativa cordelística nossa protagonista Sebastiana tem olhos de céu, toda vez que chora cai chuva no sertão:

-É verdade! É verdade! (X)
Minha filha é abençoada! (A)

Quando chove de seus olhos (X)
A terra fica molhada! (A)

(Acioli, 2012, p. 14)

O trecho do cordel, é parte da história da menina que chorava e fazia chover no sertão, seu pai, como na figura 5, está em busca de uma comprovação deste fato:

Figura 6 - O pai e a chuva



Fonte: Acioli, 2012, p. 14-15

O que mais uma vez reafirma os elementos de adequação para crianças, afinal, tanto a linguagem verbal e a não-verbal dialogam com a situação. Além de apresentar para este público um mistério que faria o fantástico e o imaginário trabalharem e serem ampliados conforme a bagagem de cada indivíduo. As vozes de diferentes contextos sociais e culturais que formam a identidade do povo brasileiro, sua diversidade, lutas e resistência para sobreviver, mas o mais importante, Acioli traz as vozes e os sentimentos que as crianças podem identificar como seus e reconhecem tanto nas quadras como nas ilustrações. Afinal, na literatura infantil a adequação entre literatura e ilustração são necessárias para que se construa identidade com esse público, o que de fato é encontrado em *Ela tem olhos de céu*.

3.3 IDENTIDADE(S) EM *ELA TEM OS OLHOS DE CÉU*

Em outro ponto de discussão, apresentou-se os conceitos de identidade neste trabalho, buscando contribuir para a análise e a identificação da presença da construção de identidade na obra:

Figura 7 - Irmãos



Fonte: Acioli, 2012, p. 8-9

A construção da identidade ocorre tanto na escrita quanto nas ilustrações. Num primeiro momento, a imagem dos irmãos de Sebastiana remete à representação do povo nordestino, com os irmãos em fileira, compondo uma família numerosa. Como discutido na seção sobre identidade, o conceito de identidade passa pela construção idealizada da classe dominante, e, assim, diversas possibilidades de conceituar essa criação são possíveis, como já abordado anteriormente. A demarcação dos estereótipos é caracterizada na figura 7, afinal, em diversos livros literários é possível perceber uma descrição do nordestino exatamente como a retratada dos irmãos de Sebastiana. Albuquerque Junior (2017) esclarece que esses discursos que construíram a figura do nordestino correm por uma perspectiva eugenista, essa abordagem racista e preconceituosa continua presente em alguns estereótipos que

acompanham o povo do Nordeste. Essa marca de características limitantes e demarcadas, são determinantes para construção das identidades presentes na obra de Socorro Acioli, o que torna necessário pontuar, pois a análise aborda essa temática. Mas não é o enfoque da análise, afinal o objetivo da pesquisa não é focado na desconstrução ou reforço dos estereótipos preconceituosos da identidade nordestina. A análise compreender como a obra opera a valorização da construção da identidade nordestina.

Seguiremos, então, identificando nesta obra e nesta análise como a identidade foi construída. A princípio, a autora traz como tema central de sua obra a seca do sertão, além de representar, nas ilustrações, as características do local e suas dificuldades. Toda a obra é construída no formato de cordel, o que fortalece ainda mais essa identidade, já que o cordel tem suas raízes no Nordeste brasileiro. Como Diégues Júnior (1975) ressalta, o cordel é parte essencial da cultura nordestina, o que agrega uma camada de autenticidade à obra:

No Nordeste por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas das famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (Diégues Júnior, 1975, p.06).

Com isso, é possível também identificar através do conceito de Castells (Castells 2000, p.55) que a construção da identidade está relacionada com a resistência; além disso, ele define as três formas de construção dessas identidades. Em um primeiro momento a identidade legitimadora, abordada e defendida por Castells, é aquela que legitima os valores da classe dominante. No caso do Brasil, é a classe dominante branca e sudestina, que definia a literatura de cordel como uma literatura inferior, ou até mesmo a desvalorizando de tal forma que não a definia como literatura. Castells descreve a identidade de resistência — no caso, o povo nordestino que luta para resistir ao apagamento proposto pelas identidades dominantes. O cordel é uma manifestação literária e cultural fundamental para a identidade de resistência nordestina, pois resiste e se mantém nos dias atuais nos meios mais diversos.

A identidade de resistência permite a construção de uma identificação com os meios disponíveis para que não se desfaça a história daquele indivíduo ou do coletivo desprestigiado. Falar do Nordeste com uma crítica social e uma apresentação do tema seca é outro ponto da construção dessa identidade. Mas é também colocar em cena uma história

contada com o olhar da valorização dentro da literatura, não com uma abordagem fatalista e de que o povo merece as mazelas. Os estereótipos criados pelas construções identitárias dominantes sociais precisam ser desmistificados. A real face identitária dessa pequena parte da população brasileira precisa ocupar seu lugar e legitimar essa identificação.

Vale ainda salientar que, como justificativa para este trabalho, a proponente defende sua identidade nordestina, tornando relevante a construção identitária que aqui se apresenta. Afinal, a identificação de seus pares na literatura reforça a importância da representação de classes que, por tempos, foram inferiorizadas ou silenciadas na história contada pela identidade dominante. Para Hall (2011), a construção da identidade está relacionada com a manutenção do poder, e essa manutenção depende do que é consumido, sendo esse consumo, mais uma vez, direcionado pelos dominantes. Resistir é se opor ao sistema e ao poder, defender sua origem e estabelecer laços com a identidade que te acompanha desde o nascimento.

Para Sebastiana, sua identidade está conectada com o dia de seu nascimento, a terra que pisa e o destino que a persegue. Ela é rotulada como inocente ou desafortunada à medida que chora, e a ela é imposta uma identidade sem questionamentos sobre se essa é realmente sua verdadeira face. Outro elemento importante na construção da identidade é a possibilidade de o público-alvo se identificar com a história. Toda a obra cria uma ponte para essa identificação, colocando o leitor dentro da narrativa, já que ela é possível e crível. O verossímil permite essa identificação, pois coloca o fantástico em um local onde a criança se vê como parte da história.

Outro ponto de construção identitária se encontra na ilustração 6, que apresenta o estereótipo do nordestino. A ilustração aborda de forma explícita o estereótipo do povo nordestino, os irmãos perfilados, todos muito parecidos, de pele escura, ao fundo uma parede escura, marca uma imagem que as grandes famílias possuem de fotos de todos os filhos juntos. Acioli não busca essa demarcação de forma explícita, mas a ilustração faz o diálogo acontecer.

Além disso, é a ilustração que também apresenta a figura de autoridade que anteriormente é demarcada pelos coronéis no Nordeste, assumindo a figura do juiz que detém o poder de definir a permanência da família nas terras daquela cidade. De certa maneira, esses estereótipos que são estabelecidos por Albuquerque Junior (2017) ganham novas roupagens na obra. Assim, a obra analisada mesmo apresentando qualidades estéticas mobiliza estereótipos negativos e ambíguos sobre o povo nordestino. Como já citado, não é o foco da pesquisa, mas é um aspecto que merece ser mencionado.

A ilustração os coloca todos muito semelhantes, e os versos de cordel nomeiam apenas Sebastiana e um de seus irmãos, deixando implícita a desvalorização dos outros filhos. Os nomes trazem identidade, pertencimento e valor, e aqui a autora mostra claramente como milhares de crianças são vistas. Para Bauman (2004), a identidade é adquirida a partir do nascimento e firmada com a identificação nacional, além dos espaços a que o indivíduo tem acesso ao longo de sua vida.

Esse fato estabelece a formação da identidade nacional, mas vale ressaltar que nem sempre foi possível reconhecer os pares dentro dessa identidade determinada pelo poder, já que muitas classes não tinham acesso aos espaços de prestígio. Resistir foi a única forma de luta durante muito tempo. Hoje essas vozes são erguidas, e as identidades são construídas a partir do que de fato representa o povo. O acesso a esses espaços reabre a possibilidade de construir, mesmo que tardiamente, a identidade ideal de um povo. Existem diversos pontos de construção de identidade nesta obra, que dialogam com cada leitor de maneira individual. Afinal, esse é o papel da literatura: construir pontes e caminhos, reafirmando e legitimando as verdadeiras identidades de um povo, sem permitir a desvalorização ou o silenciamento dessa diversidade.

Nesta análise, fica claro que a identidade se constrói na reafirmação e na manutenção das múltiplas formas de ser. Isso é comprovado tanto na literatura de cordel quanto na literatura infantil, que permanecem como formas de resistência e, ao mesmo tempo, como uma escada para a construção de um ideal identitário que abrace a nação brasileira, sem excluir nenhuma identidade.

3.4 A INTERTEXTUALIDADE EM *ELA TEM OS OLHOS DE CÉU*

A presença da intertextualidade nas obras é ponto indiscutível de existência. Depreendemos que essa recriação, reformulação, é a intertextualidade presente, abordamos a intertextualidade implícita como base de análise dessa pesquisa. O que versaria sobre a presença ou não do texto, mas sensação do já dito e visto em algum momento, ou mesmo trazendo na memória a lembrança de algo semelhante. Sendo assim, na obra *Ela tem olhos de céu*, a intertextualidade se apresenta tanto nos versos produzidos, como nas ilustrações. É possível identificar pontos de diálogo com outros textos, ou mesmo contações de narrativas peculiares de determinadas regiões do Nordeste.

É necessário que se pontue mais uma vez que esta análise busca encontrar intertextualidade, identificação de diálogo possível com uma obra, ou um conto folclórico, ou

mesmo algo que se remete a situações do cotidiano que faça lembrar no leitor a sensação de já ter tido contato com essa história de alguma forma escrita ou mesmo oral. São inúmeras as histórias contadas e cantadas no cordel que apresenta um cunho misterioso ou mesmo que apresenta um teor religioso. A literatura de cordel permite um aproveitamento através da intertextualidade que o faz resistir e não se perder, mas se adaptar às novas modelagens. Haurélio (2013) reflete que:

A importância da literatura de cordel vai muito além do volume de folhetos produzidos em mais de um século de existência. O seu reaproveitamento em outras manifestações artísticas, as releituras e as apropriações feitas por poetas de outras searas, são indicadores de sua presença na cena cultural brasileira (Haurélio, 2013, p.151).

É necessário entender que a intertextualidade, como dito anteriormente por Samoyault (2008, p.39), está na relação com o que já foi dito, mas não necessariamente precisa ser original, pode utilizar-se do original e se readaptar, se refazer e se apresentar com uma nova voz, voz essa que atende aos anseios dessa nova sociedade e dos formatos que neste momento são estabelecidos pelo público. Mas que também reforça os estereótipos já reconhecidos pela sociedade e traz a identificação em um primeiro momento.

Outra conexão de intertextualidade no texto é a presença do místico tão forte; quem nunca ouviu uma história na literatura, nas contações orais e nas narrativas, de uma desafortunada menina que tem poderes mágicos? Sebastiana Chora e faz chover no sertão, relembra o conto de Guimarães Rosa (“A menina de lá”), onde a protagonista também recebe esse ar de santificada:

A literatura se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de reescrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto. Ela mostra assim sua capacidade de se constituir em suma ou em biblioteca e de sugerir o imaginário que ela própria tem de si (Samoyault, p.47, 1968).

O que de fato acontece na obra *Ela tem olhos de céu*, essa movimentação é visível tanto na estrutura de cordel, no tema abordado, na ilustração presente na obra. Assim como na interpretação que se faz da leitura da obra, afinal essa interpretação e essa busca de intertextualidade se darão de forma muito particular, pois a subjetividade vai ditar o ritmo e as conexões possíveis. Sob a perspectiva de analisar e comparar a ilustração, segue a próxima figura 8:

Figura 8 - A notícia



Fonte: Acioli, 2012, p. 16-17

As romarias⁴ presentes em todo o nosso território é outro ponto de intertextualidade presente na obra. Este fato é recorrente pois a obra possui em sua construção diversos momentos que indicam essa religiosidade, esse sincretismo tão característico da identidade do povo nordestino.

Como já citado anteriormente, a figura 7 apresenta os irmãos de Sebastiana, a maioria deles não recebendo nomes e, portanto, não há o reconhecimento da construção de uma identidade. Tal aspecto pode ter uma conexão intertextual com os filhos de Fabiano em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos: as crianças também não são nomeadas na referida obra.

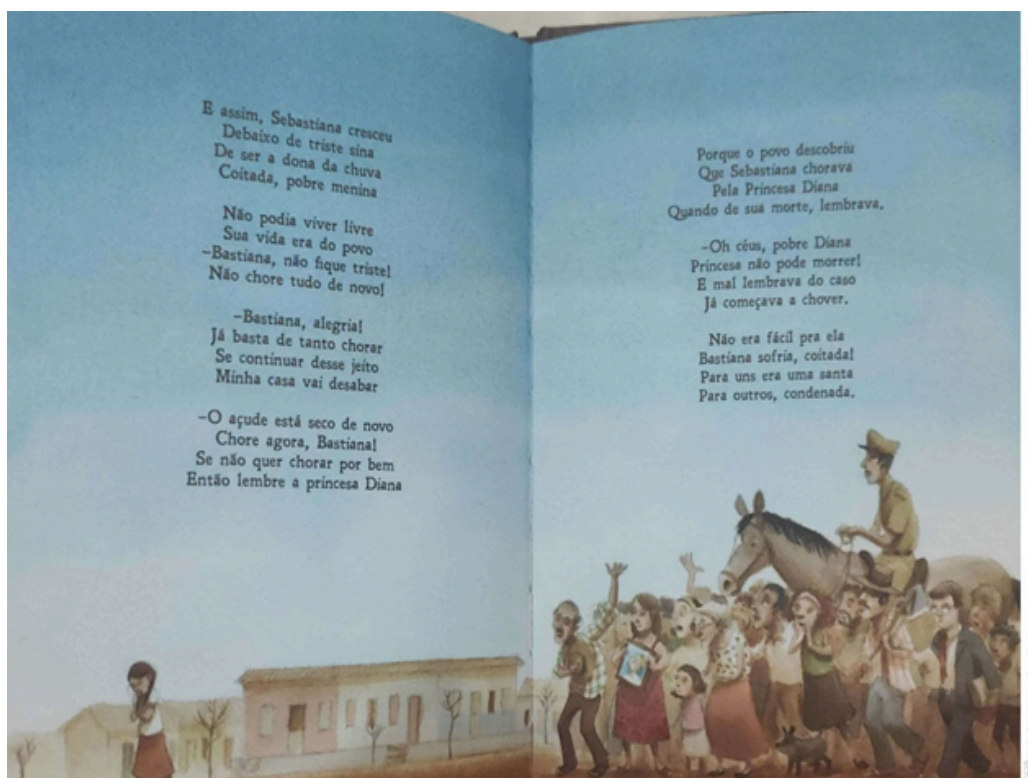
Já na figura 9 pode-se perceber a intertextualidade presente, uma conexão com o cangaço, em que a figura do estado é identificada no policial em cima do cavalo. Além de referenciar e reconectar as memórias com algumas obras filmicas que claramente observa-se o protagonista ser desprezado, ignorado e deixado de lado, o limitando, e aqui é necessário dizer que Sebastiana ora ocupa o lugar de heroína, hora de anti-heroína. Afinal seu choro poderia

⁴ Romaria é uma prática religiosa e cultural em que grupos de pessoas fazem uma peregrinação a um local sagrado, geralmente a pé, como forma de devoção, fé ou agradecimento. Esses locais sagrados podem ser igrejas, santuários ou outros espaços de significado espiritual. No Brasil, as romarias são muito comuns em regiões com forte tradição católica, como o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida (SP), ou o de Juazeiro do Norte, no Ceará.

trazer benefícios, mas em excesso prejuízos. E assim o julgamento era executado, pois em tempos a queriam para que os açudes se enchessem, ora queriam que ela se afastasse para que suas casas não caíssem devido à chuva. O cangaço era uma oposição ao estado, um anti-herói, com isso a imagem apresenta essa intertextualidade, fato que fica evidente com a figura do policial em cima de um cavalo enquanto parte da população segue a pé escurraçando a menina.

Outra intertextualidade identificada é com o clássico *Dom Quixote*, afinal a protagonista em sua solidão busca respostas para enfrentar sua sina. Dom Quixote acreditava que a liberdade era um dos bens mais preciosos pelo qual se deveria lutar, pois ser cativo é o maior mal que o homem pode viver. E assim a intertextualidade mais uma vez cria sua ponte, pois Sebastiana nossa protagonista, é prisioneira dessa sina, além de ser prisioneira das vontades desse povo que não sabe o que quer. Outra conexão com a obra *Dom Quixote* é a falta de agradecimento do povo que vivia na seca e sabia os males dessa triste realidade do sertão não ser grato por Bastiana trazer chuva. Dom Quixote em sua obra fala sobre o povo não saber agradecer, assim como esses pontos de intertextualidade, a solidão de nossos anti-heróis ou heróis se estabelecem à medida que cada leitor busca os ligar. E isso só é possível pois o clássico se faz presente. Não se perdendo, muito pelo contrário, ele se refaz diante da nova realidade globalizada.

Figura 9 - Sofrimento de Bastiana



O fato de reconectar com obras clássicas permite que o texto transite entre a era contemporânea e a era antiga, estabelecendo um diálogo contínuo e enriquecedor. Esse tipo de interação é primordial, pois é através dessas conexões que o novo se constrói e se legitima. As referências ao passado oferecem uma base sólida sobre a qual novas interpretações e releituras podem surgir, conferindo à literatura uma atemporalidade que a mantém viva e relevante.

Assim, as vozes de diferentes épocas e contextos são identificadas, as identidades são continuamente moldadas e reconstruídas, e a literatura de cordel, em particular, encontra novas formas de expressão. O cordel, que já foi marginalizado como uma literatura popular de menor valor, hoje ganha novas roupagens, incorporando elementos modernos que dialogam com suas raízes tradicionais. Esse processo de adaptação e reinvenção permite que o cordel não apenas resista ao tempo, mas também se renove, ocupando um espaço significativo no cenário literário contemporâneo.

Ao ser inserida nesse "cordão da contemporaneidade", a literatura de cordel não perde sua essência, mas ao contrário, expande seus horizontes, alcançando novos públicos e sendo finalmente reconhecida como literatura de valor. Suas características de rima, musicalidade, narrativa popular e crítica social permanecem intactas, mas agora convivem com elementos atuais que a fazem ressoar nas questões do presente. Essa reconexão com o clássico permite uma continuidade histórica, em que o passado dialoga com o futuro, fortalecendo a relevância do cordel como uma forma literária viva, dinâmica e sempre em transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *Ela tem olhos de céu*, de Socorro Acioli, buscando evidenciar como a identidade e a literatura de cordel foram representadas e adaptadas para o público infantil. Através da análise dos elementos textuais e ilustrativos, foi possível compreender como a autora utiliza o formato de cordel para construir uma narrativa que resgata as tradições culturais nordestinas, ao mesmo tempo em que dialoga com questões contemporâneas de identidade e resistência. O trabalho proposto visava investigar se essa adaptação cumpre o papel de trazer a literatura de cordel para o universo infantil, sem perder suas raízes e autenticidade. Com base nos resultados apresentados ao longo da análise, é possível afirmar que o objetivo foi alcançado.

No decorrer da pesquisa, verificou-se que a obra não apenas utiliza o formato de cordel como ferramenta narrativa, mas também traz à tona discussões importantes sobre a identidade nordestina, a valorização da cultura popular e a importância da representatividade. A obra, além de seu valor literário, promove um diálogo entre a tradição e a modernidade, permitindo que as crianças, público-alvo do livro, se reconheçam nas histórias contadas. A identidade é construída de maneira múltipla, integrando elementos da cultura regional com questões universais, o que demonstra a capacidade do cordel de se adaptar às necessidades contemporâneas, sem perder sua essência.

Vale ainda pontuar que por se tratar de uma obra literária, ela apresenta uma complexidade na conceituação de estereótipos que são criados tanto na ilustração quanto no cordel apresentado. Sendo assim, é necessário dizer que não é de interesse da pesquisa caracterizar estes estereótipos criados na construção da identidade, mas pontuar que existem dentro da obra e podem ser identificados. Ficando, assim, uma nova e ampla possibilidade de análise.

A contribuição desta pesquisa para os estudos sobre cordel, literatura infantil e identidade é significativa, pois lança luz sobre a importância da literatura popular no processo de formação cultural e identitária de crianças. Ao explorar as potencialidades do cordel como ferramenta de expressão literária e cultural, a pesquisa reforça a relevância desse gênero, que há muito tempo foi marginalizado, e mostra como ele pode ser inserido em novos contextos.

A análise da obra de Socorro Acioli evidencia que o cordel não só permanece vivo, mas também pode servir como uma ponte entre gerações, conectando o passado com o presente e inspirando novas formas de literatura infantil.

Além disso, a pesquisa abre caminhos para uma nova compreensão da literatura infantil no Brasil, especialmente no que diz respeito à sua relação com a cultura popular. O uso do cordel como base para a narrativa infantil traz à tona a discussão sobre a importância de oferecer às crianças obras literárias que reflitam sua cultura e identidade. A obra de Acioli faz isso de maneira exemplar, ao retratar o Nordeste e sua rica tradição cultural de forma sensível e acessível. Essa abordagem contribui para a desconstrução de preconceitos sobre a literatura popular, ampliando o escopo da literatura infantil brasileira.

No que tange à construção de identidade, a obra analisada reafirma o papel da literatura como um espaço de resistência e afirmação cultural. A narrativa permite que os leitores, especialmente crianças, entrem em contato com temas fundamentais como pertencimento, origem e identidade cultural. A identificação com os personagens e a ambientação da história proporciona uma experiência literária rica, que vai além do entretenimento, promovendo reflexão sobre questões sociais e culturais.

Ainda nessa perspectiva de construção de identidade, é possível dentro da obra identificar os estereótipos da construção de identidades citados em nossa análise. O que de certa forma é necessário pontuar, que esses estereótipos perpetuam e garantem a permanência das linhas de discórdia e demarcam os preconceitos estabelecidos pela classe dominante para a caracterização da região nordestina e de seu povo. Este fato não passou despercebido, nem foi deixado de lado, foi pontuado, não aprofundado pois não era a intenção da pesquisa. Com uma nova roupagem sim, mas ainda os estereótipos que tanto se luta para se desvincular, a ilustração dos irmãos enfileirados e todos muito parecidos, é uma marca dentre tantas outras encontradas na obra, o que torna pertinente dizer que se faz necessário a desconstrução ou a ressignificação dessas identidades desse povo diante do que o descreve. O que de certa maneira apresenta uma nova linha de pesquisa para uma futura análise dessa obra. Assim, a obra se torna uma ferramenta poderosa para a formação da identidade, especialmente em um contexto em que as vozes de muitas classes sociais foram historicamente silenciadas.

A adaptação do cordel para a literatura infantil, como ocorre em *Ela tem olhos de céu*, oferece inúmeras possibilidades para futuros estudos e trabalhos acadêmicos. Uma linha de pesquisa que pode ser explorada é a análise da recepção dessa obra por crianças de diferentes regiões do Brasil, verificando como os elementos culturais e identitários presentes no texto e nas ilustrações são interpretados por públicos que, muitas vezes, não compartilham das

mesmas experiências culturais. Essa abordagem poderia ajudar a entender melhor a influência da literatura de cordel no processo de formação cultural de leitores infantis.

Outra possibilidade de ampliação deste estudo é investigar como a literatura de cordel vem sendo adaptada em outros gêneros literários, além da literatura infantil. Com o crescimento da produção literária voltada para a inclusão de culturas populares no âmbito educacional e literário, seria interessante avaliar como o cordel pode ser integrado a outros formatos e plataformas, como o cinema, os quadrinhos e a mídia digital. Esses meios oferecem novas formas de expressão para o cordel, mantendo sua relevância e ampliando seu alcance.

Além disso, seria pertinente investigar mais a fundo o impacto das ilustrações na construção da identidade e na recepção da literatura de cordel por crianças. Como destacado na análise, as ilustrações desempenham um papel crucial na mediação entre o texto e o leitor, especialmente quando o público-alvo é infantil. Estudos futuros poderiam se concentrar na relação entre texto e imagem, explorando como essa interação pode potencializar a compreensão da narrativa e fortalecer a identidade cultural retratada na obra.

Por fim, a pesquisa também sugere a possibilidade de realizar estudos comparativos entre obras de literatura infantil que utilizam o cordel e outras formas de literatura popular, como o repente e a literatura de varal. Esse tipo de análise permitiria uma visão mais ampla das estratégias de adaptação e preservação das tradições culturais populares na literatura contemporânea, além de avaliar como esses diferentes gêneros podem contribuir para a formação de leitores críticos e culturalmente conscientes.

Conclui-se que a obra analisada não apenas cumpre seu papel literário, conforme apontado por Candido (2002), de confirmar a humanidade do homem, mas também atua como um importante veículo de resistência cultural, ao integrar o cordel com a literatura infantil de forma inovadora e cativante. A pesquisa aqui apresentada contribui para o entendimento da importância de valorizar a literatura popular no processo de construção da identidade cultural, especialmente no público infantil, e aponta para novas possibilidades de estudos e interpretações que podem enriquecer o campo dos estudos literários no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Ela tem olhos de Céu**. Ilustrações de Mateus Rios. São Paulo: editora Gaivota, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar** [livro eletrônico]: As fronteiras da discórdia 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2017. Coleção preconceitos; v.3

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Traduzido por Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhias das letras, 2007.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. 2. Ed. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 1ª edição digital. São Paulo, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo: vol.24, nº 9, 1972, p.803-809.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: paz e Terra, 2000. V.II.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **Literatura de cordel**. Cadernos de folclore 2, São Paulo: Olímpica, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **A literatura fantástica: gênero ou modo?** Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários, 2013, p 18-31.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. Ed. Rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução por Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma outra nova história**. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LUCENA, Bruna Paiva de. Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro. 2010, 88 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8515>. Acesso em: 22 de março de 2025.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento literário e cordel: o ensino de literatura por um novo olhar**. Curitiba: Appris, 2019.

PERROTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia de trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINTELA, Vilma Mota. O cordel no fogo cruzado da cultura. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10956>. Acesso em: 22 de março de 2025.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SIMÕES, L. B. T. **Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte**. Cadernos de Letras da UFF, v. 23, n. 46, 30 jul. 2013.